

## **GÊNEROS TEXTUAIS**

### **A CRÔNICA EM FOCO – REVISÃO DA CRÍTICA E ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO**

*Aline Aimée*

[alineaimée@hotmail.com](mailto:alineaimée@hotmail.com)

O hibridismo inerente ao gênero crônica tem causado certa polêmica e algum mal-estar à crítica literária. Estudos variados foram feitos no sentido de compreender esse gênero. Afrânio Coutinho, Antônio Cândido e Massaud Moisés chegaram a traçar tipologias do gênero e Antônio Dimas investigara o seu “grau” de literariedade.

Ocorre que diante do hibridismo inerente ao gênero, disparidades classificatórias têm se confrontado. De um lado, a consideração da crônica enquanto gênero menor; de outro, a dúvida sobre sua natureza jornalística ou literária. Contudo, nos perguntamos se tais considerações e dúvidas têm se tecido sob critérios adequados e, ainda, se cabe encerrar o gênero em um ou outro setor.

Tratando das crônicas machadianas, Luiz Costa Lima inicia o ensaio “Machado: Mestre de capoeira” com a seguinte afirmação: “A crônica é reconhecidamente um gênero menor” (Lima. 2002, p. 327). Afirmação de mesma natureza é feita por Antônio Cândido logo no primeiro parágrafo do ensaio “A vida ao rés-do-chão”, embora ele busque reduzir o impacto da assertiva, explicando que isso é bom, pois deixa o texto próximo, íntimo do leitor. Essa “diminuição” do gênero é explicada por seus postuladores em virtude da efemeridade do tratado, ou seja, o fato de ser datada torna precária a sua sobrevivência. Há também a questão do pouco tempo para se trabalhar o texto, uma vez que a crônica é um gênero de publicação periódica.

Apesar da coerência desse último argumento, o primeiro há muito não se sustenta, pois, embora a crônica verse, em geral, sobre questões de seu tempo, a dependência (ou obrigatoriedade) factual já teria sido abandonada desde os cronistas da década de 30, como Rubem Braga, por exemplo, que preferiam enveredar por uma divagação subjetiva e lírica. Se a crônica fenecesse ao nascer de um novo dia, como se explicaria o sucesso de inúmeras coletâneas?

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No texto “Ensaio e Crônica”, Afrânio Coutinho assim a define:

Gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. (2003, p. 121)

Em seguida, comenta o rebaixamento do gênero a um grau inferior:

Tão característica é a intimidade do gênero com seu veículo natural que muitos críticos se recusam a ver na crônica, a despeito da voga de que desfruta, algo durável e permanente, considerando-a uma arte menor. (*Idem*, p. 123)

Coutinho, juntamente com Jorge de Sá e Antônio Dimas, integra um grupo de teóricos que reconhece as peculiaridades do gênero, sem por isso julgá-lo menor. Falta definir a “intimidade” que tornaria a crônica tão inseparável do jornal, visto que o fato de diversos romances terem sido publicados primeiramente em folhetins, no século XIX, não os descaracteriza enquanto literários (embora a maioria deles tenha sido revista para a publicação em livro). A crônica é sim escrita especificamente para o jornal, mas isso não é pressuposto para uma mediocridade inevitável.

Antônio Dimas, no ensaio “Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?”, propõe hipóteses para o desinteresse acadêmico em relação ao gênero, na década de 70:

(...)a razão inconfessável desse comportamento estaria talvez no desconhecimento do conjunto global da matéria ou ainda no hábito distorcido de desvalorizá-la face aos grandes romances ou grandes poemas. (1974, p. 46)

É evidente que os critérios que norteiam a desvalorização da crônica perante o romance e a poesia residem no tempo dedicado ao aprimoramento de texto. Contudo, não seria generalização supor que todo texto composto em pouco tempo é inferior? Não há, de fato, belíssimas crônicas, que sobreviveram à urgência da ocasião, como a “Última crônica”, de Fernando Sabino e “Visão”, de Braga? Todos sabemos que há exemplares ruins ou medianos de poesia, romance e conto, o que não relega tais gêneros à inferioridade.

O limiar movente entre jornalismo e literatura, que caracteriza a crônica, permite um modo variado de desenvolvimento textual.

## GÊNEROS TEXTUAIS

Narrada normalmente em primeira pessoa – o que caracterizaria a função emotiva da linguagem, segundo as proposições de Jakobson –, a crônica pode se afastar ou se aproximar do Subjetivo ou do Referencial, conforme o plano do escritor. Pode, ainda, florescer sob uma luz lírica. Cabe “considerar a primazia de uma ou outra função referencial ou poética – na análise do discurso verbal”, conforme aponta Dimas (*Idem*, p. 48).

Essa vocação para pender ora para o lírico ora para o tratamento objetivo do referente, fez com que inúmeras tipologias fossem verificadas pela crítica especializada. Vejamos, em primeiro lugar, outras definições do gênero. Antonio Candido ressalta a condição de comentário leve, apresentando-a como “composição aparentemente solta”, com “ar de coisa sem necessidade”, que “se ajusta à sensibilidade de cada dia” (1992, p. 13). Jorge de Sá, por sua vez, explica, em “A crônica”, que ela consiste num “registro circunstancial feito por um *narrador-repórter* que relata um fato (...) a muitos leitores que formam um público determinado” (2002, p. 7). Massaud Moisés assinala, em *A Criação Literária*, que a crônica alcançara o ápice depois do século XII, na França, Inglaterra, Portugal e Espanha, quando se aproximou da História, mostrando acentuados traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo *crônica* teria cedido vez à História, e uma vez liberto da conotação histórica, o vocábulo passou a se revestir do sentido literário, a partir do século XIX, para finalmente encontrar seu significado jornalístico (1979, p. 245). Apondo o cotidiano como assunto único do gênero, Moisés acredita que, mesmo ao serem publicadas em livro, as crônicas são textos fugazes, que não detém a durabilidade do romance ou do conto.

Resumindo: enquanto Coutinho, em definição anteriormente citada, dá ênfase ao aspecto estrutural, Cândido chama a atenção para a leveza do comentário. Sob perspectiva diversa, Sá aponta a ambiguidade do foco narrativo e Moisés sublinha o caráter jornalístico do gênero. Quanto aos subgêneros identificados, a variedade também se revela:

Candido sugere quatro, ao longo de “A vida ao rés-do-chão” (1992):

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– **Crônica-Diálogo** – quando o cronista e seu interlocutor se revezam trocando pontos de vista e informações (ex.: Carlos Drummond, Fernando Sabino).

– **Crônica Narrativa** – quando apresenta alguma estrutura de ficção, semelhante ao conto (ex.: Ruben Braga).

– **Crônica Exposição Poética** – quando faz uma divagação sobre um acontecimento ou personalidade, tecendo uma série de associações (ex.: Paulo Mendes Campos).

– **Crônica Biográfica Lírica** – narrativa poética da vida de alguém (ex.: Paulo Mendes Campos).

Coutinho descreve cinco:

– **Crônica narrativa** – quando se desenvolve em torno de uma estória ou de um episódio, o que a aproxima do conto (ex.: Fernando Sabino)

– **Crônica metafísica** – quando o autor tece reflexões filosóficas sobre acontecimentos ou homens (ex.: Machado de Assis e Carlos Drummond)

– **Crônica poema-em-prosa** – de conteúdo lírico, seria o “extravasamento da alma do artista”, povoada de “episódios cheios de significados” (ex.: Rubem Braga, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz)

– **Crônica-comentário** – o autor chama-a “bazar asiático” (usando expressão de Eugênio Gomes), pois trata de vários assuntos diferentes (ex.: Machado de Assis e José de Alencar)

– **Crônica-informação** – esse tipo se aproximaria mais do sentido etimológico, por divulgar os fatos, comentando-os ligeiramente.

Massaud Moisés comenta dois tipos de crônica, baseado na questão da ambiguidade do gênero:

– **Crônica-Poema** – prosa emotiva que chega ao verso (Carlos Drummond).

– **Crônica-Conto** – o cronista narra um acontecimento que provoca sua atenção como se fosse um conto.

## GÊNEROS TEXTUAIS

Mediante essa grande possibilidade de caminhos, uma certeza lateja aos nossos olhos: a crônica é um gênero de considerável complexidade e hibridismo. Nesta esteira de raciocínio, Coutinho e Dima oferecem argumentos bem acertados sobre sua estrutura:

É mesmo da própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade. (Coutinho, 2002, p. 133)

(...) dentro das páginas de um jornal, peçadas de informações rigorosas, a crônica funcionaria como descanso para o leitor, na medida em que ela se constrói a partir de um evento qualquer, porém moldada numa linguagem que tende para a ambiguidade, *tende para* a plurivocidade (1974, p. 49).

Após o cotejo dos cinco autores citados, Afrânio Coutinho nos parece o que melhor desenvolve o tema, atentando para cada peculiaridade do gênero. E é ele quem percebe a questão que é o ponto nevrálgico da nossa discussão:

(...) é enganoso supor que o livro é que dá qualificação definitiva a qualquer escrito. E a crônica que não haja pago excessivo tributo à frivolidade ou não seja uma simples reportagem, estará sempre a salvo, como obra de pensamento ou de arte, embora não saia nunca das folhas de um periódico. (2002, p. 135)

Mais poéticas ou mais bem humoradas, mais sensíveis ou mais debochadas, a vasta gama de possibilidades da crônica indica sua complexidade, seus limites imprecisos, as largas opções de desenvolvimento. Aproximar-se mais do jornalismo ou da literatura está a cargo do escritor. É ele quem escolherá a via por onde irá discorrer. Se tiver talento e puser o esforço intelectual necessário, poderá sobrepujar a efemeridade, como assinala Coutinho:

(...) somente será considerado gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor. (2002, p.123)

Os textos literários – romances, contos, poesias – que se notabilizaram pela qualidade, tiveram seu valor ora pelo conteúdo, ora pelo estilo, e muitas vezes por ambos. O mesmo se dará com a crônica, na medida em que o autor souber sobrelevar a circunstância ou fizer brilhar uma estilística própria.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. **In:** — [et alii]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”. **In:** —. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2003, vol. 6.

DIMAS, Antonio. A ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo. **In:** *Littera*: revista para professor de português e literaturas de língua portuguesa. Ano IV, N° 12 – setembro-dezembro. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

LIMA, Costa. Machado: Mestre de Capoeira. **In:** *Intervenções*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Prosa. vol. II, 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1998 [1967].

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.